



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

A importância de contar histórias em Creche – um olhar sobre a diversidade dos materiais

Departamento de Formação de Educadores e Professores

Mestrado em Educação Pré-Escolar

2023, Liliana Mendes Monteiro

"O Universo é feito de histórias e não de átomos"

Muriel Rukeyser



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

Liliana Mendes Monteiro

A importância de contar histórias em Creche- um olhar sobre a diversidade dos materiais

Relatório Final de Mestrado em Pré-Escolar, apresentada ao Departamento de Formação de Educadores e Professores da Educação da Escola Superior de Educação de Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Constituição do Júri:

Presidente do Júri: Prof.^º Doutor Pedro Balaus Custódio

Arguente: Prof. ^ª Sónia Teresa Simões da Costa

Orientadora: Prof.^ª Doutora Maria Madadela Belo da Silveira Baptista

Trabalho realizado sob a orientação de Prof.^ª Doutora Maria Madalena Belo da Silveira Baptista

Coimbra, março 2023

Agradecimentos

A vida tem sido uma navegação entre mares. Embora jovem, julguei que o meu barco não conseguisse alcançar o tão desejado Oceano Pacífico. Este texto não é sobre mar. Por isso, tenho de agradecer a quem não me deixou parar de remar e fez com que fosse possível concluir esta dissertação.

À minha orientadora, Prof.^a Doutora Maria Madalena Belo da Silveira Baptista, que mesmo após dois anos de ausência da minha parte não me tirou a esperança e me guiou sem hesitar com o seu conhecimento, apoio e total disponibilidade.

À minha família que sempre me incentivou a não desistir dos meus sonhos e me ajudou como pôde na superação de obstáculos ao longo desta viagem, acreditando em mim e nas minhas capacidades.

Aos meus amigos mais chegados, pela força, companheirismo e empatia que tiveram comigo. Sem vosso apoio e empenho não teria sido possível. O meu mais sincero obrigado.

“Aqueles que passam por nós não vão sós e não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.”

Antoine de Saint-Exupéry

Resumo

A importância de contar histórias na Creche- um olhar sobre a diversidade dos materiais

A narrativa tem o poder de trabalhar a imaginação levando-nos a criar os mais diversos cenários interpretando e (re)construindo realidades. As histórias são-nos incutidas desde cedo no nosso quotidiano tendo um papel crucial no nosso crescimento e desenvolvimento.

Ao ouvir histórias, os mais pequenos associam aquilo que é narrado às suas próprias vivências. É através delas que começamos a tomar consciência do “eu”, construindo a nossa própria identidade e encontrando recursos para lidar com situações, conflitos e emoções.

Este relatório apresenta, de forma descritiva e refletida, as narrações de duas histórias através do recurso a materiais não convencionais, em contexto de Creche. Nomeadamente, um avental e um tapete contador de histórias. Ambos realizados pela autora do relatório.

A utilização destes recursos tem como principal objetivo comparar a reação das crianças ao ouvir uma narrativa através de um livro e a ouvir exatamente a mesma narrativa com o auxílio dos materiais acima referidos. Através desta comparação, tendo em consideração a aprendizagem da criança, pretendemos demonstrar que o conto de histórias recorrendo a materiais diferentes do habitual, com estratégias interativas e lúdicas, capta muito mais a atenção do grupo e promove uma maior interação.

Os dados recolhidos através dos registos das atividades implementadas foram alvo de análise interpretativa e de uma reflexão que incidiu sobre o seu desenvolvimento e sobre o seu resultado. Conclui-se que o conto de histórias para crianças em idade de creche, através de materiais apelativos e manipuláveis, é mais eficaz do que o tradicional livro a que estamos habituados, uma vez que capta mais a atenção das crianças, acabando por envolvê-las mais na própria história.

Palavras-chave: Histórias, Narração, Crianças, Creche, Materiais

Abstract

The importance of storytelling in Kindergarten - a look at the diversity of materials

Narrative has the power to work the imagination leading us to create the most diverse scenarios, interpreting and (re)constructing realities. Stories are instilled in us from an early age in our daily lives and play a crucial role in our growth and development.

When listening to stories, children associate what is told with their own experiences. It is through stories that we start to become aware of our "I", building our own identity and finding resources to deal with situations, conflicts and emotions.

This paper presents, in a descriptive and reflective way, the narrations of two stories through the use of non-conventional materials, in a nursery school context, namely, an apron and a storytelling mat both made by me.

The main purpose of using these resources was to compare the children's reaction when listening to a narrative through a book, which they are so well used to, with the reaction when listening to exactly the same narrative with the help of the aforementioned materials. Through this comparison, taking into account the child's learning process, I intend to demonstrate that storytelling using different materials, with interactive and playful strategies, is more effective and captures much more of the group's attention.

The pedagogical interventions in this study aim to develop curiosity for reading through the enjoyment of listening to new stories.

This way, it will be possible to use the reading of stories as a pedagogical and didactic instrument addressing important themes for the construction of the child's "I" as a future citizen of society. In detail, construction of the identity, since it expands the capacity of cognitive organisation, that is, restructuring and transforming pre-existing contents with new contents, contributing to an improvement in the cognitive and emotional process.

Therefore, we guarantee that some values start to be instilled early through storytelling.

The data collected through the videos of the implemented activities were subject to an interpretative analysis and a reflection that focused on its development and on its result. The result concludes that storytelling for children of kindergarten age, through appealing and manipulable materials, is more effective than the traditional book we are used to, since it captures more children's attention, eventually involving them more in the story itself.

Keywords: Stories, Narration, Children, Day Care, Materials

Índice

Agradecimentos.....	1
Resumo	2
Abstract	3
Introdução	7
PARTE I: Enquadramento teórico	8
1 - Importância das histórias em contexto de Creche	8
2 - A importância dos materiais em idades precoces	12
PARTE II: Componente Empírica	15
1 – Enquadramento	15
2 - Breve caracterização do local de estágio	18
3 - Caracterização geral do grupo	19
3.1. Projeto Curricular de Grupo.....	19
3.2. Metodologia utilizada pela educadora	20
4 – Justificação da escolha do tema	1
5 - Descrição da componente prática: objetivo e procedimentos.....	2
Procedimento I- A Galinha Guidinha	3
6 – Análise comparativa das reações e atitudes das crianças nas três fases.....	9
Procedimento II- O Pinheirinho de Natal.....	11
Tapete contador de histórias.....	11
7 – Análise comparativa das reações e atitudes das crianças nas três fases.....	15
8- Conclusões da componente prática	18
Bibliografia.....	21

Índice de Figuras

Fig. 1- Reconto da história com recurso a ilustrações.....	4
Fig. 2- Parte I da ilustração da história da Galinha Guidinha.....	5
Fig. 3- Parte II da ilustração da história da Galinha Guidinha.....	5
Fig.4- Parte III da ilustração da história da Galinha Guidinha	5
Fig. 5- Parte IV da ilustração da história da Galinha Guidinha	5
Fig. 6- Parte V da ilustração da história da Galinha Guidinha	6
Fig.7- Parte VI da ilustração da história da Galinha Guidinha	6
Fig.8- Ordenação dos diferentes momentos da história.....	6
Fig.9- Escolha do animal favorito presente na história.....	7
Fig.10- Imagem ilustrativa da construção do ovinho.....	7
Fig.11- Exemplo de um ovinho finalizado	7
Fig.12- Avental Contador de histórias	8
Fig.13- Conto da história O Pinheirinho de Natal através do tapete contador de histórias.....	11
Fig.14- Parte I da ilustração da história O Pinheirinho de Natal.....	13
Fig.15- Parte II da ilustração da história O Pinheirinho de Natal	13
Fig.16- Tapete contador da história O Pinheirinho de Natal.....	14

Introdução

Quem estuda ou trabalha na área da educação de infância percebe o potencial que contar histórias pode ter. Sabe-se que nos dias de hoje o livro está cada vez menos presente na vida das crianças e, por isso, cabe ao educador incutir o gosto por este recurso precocemente.

Constatei que na sala onde iria decorrer o meu estágio não existia o chamado “cantinho da biblioteca” e que os livros eram escassos e não muito manuseados pelas crianças.

Como o livro por si só, na maioria das vezes, não é muito apelativo achei pertinente dar a conhecer ao meu grupo de estágio uma maneira diferente e única de contar histórias e, desta forma, despertar-lhes o gosto pela leitura e conto das mesmas.

Como tal, decidi elaborar um avental e um tapete contador de histórias. Algo completamente diferente daquilo a que o grupo estava acostumado e completamente novo.

Ao longo do presente relatório irei falar sobre como tudo isto aconteceu e sobre o que observei através da realização desta atividade assim como irei explorar o tema falando de assuntos que considero importantes.

Desta forma, o presente relatório está dividido em partes: a parte I que contém o enquadramento teórico (importância das histórias em contexto de creche e importância dos materiais em idades precoces), a parte II que contém a componente empírica (enquadramento, breve caracterização do local de estágio, caracterização geral do grupo, projeto curricular de grupo, metodologias utilizadas pela educadora, justificação da escolha do tema, descrição da componente prática: objetivo e procedimentos, análise comparativa das reações das crianças nas três fases) e a conclusão da componente prática.

O documento contém fotografias tiradas ao longo do estágio. As fotografias foram autorizadas por todos os pais e serão somente utilizadas para fins académicos.

PARTE I: Enquadramento teórico

1 - Importância das histórias em contexto de Creche

As histórias são um valioso instrumento de aprendizagem desde que se saiba tirar o melhor partido delas. Estas fazem parte da infância tanto quanto as brincadeiras, permitindo que as crianças sonhem acordadas e lidem com os medos do dia a dia. Ao ouvir histórias, as crianças enriquecem e alimentam a sua imaginação, expandem o seu vocabulário, aprendem a refletir e aceitar diferentes situações, desenvolvem o raciocínio lógico e o espírito crítico por meio da expressão do humor, desenvolvem o senso de natureza, desenvolvem a curiosidade. Como afirma Traça (1998) “o principal objetivo e finalidade da leitura de histórias para as crianças é desenvolver o seu interesse pela leitura e escrita. Por envolver prazer, apresenta um caminho seguro para a apreciação literária” (p. 124). Desta forma, a leitura de uma história através de um livro pode ser muito útil, pois permite que as crianças finalmente tenham contacto físico com a história, possam folheá-la e ver as ilustrações e o texto que a acompanham. Por meio dessas atividades, as crianças desenvolvem várias habilidades. Principalmente a estrutura da linguagem escrita, o vocabulário, habilidades de atenção e concentração, e a capacidade de interagir com adultos e pares. Mata (2008) afirma que as crianças também “percebem” a direção da escrita (esquerda/direita e cima/baixo) ao desenvolver tal atividade. Essas atividades são uma forma de aumentar o vocabulário e construir novos significados, ampliando assim as habilidades de linguagem da criança. Ao ter contacto com histórias as crianças começam a associar palavras à realidade e, por sua vez quando voltarem a ver a palavra são capazes de a “ler” no entanto:

“estas crianças não estão verdadeiramente a ler, mas sim a antecipar o conteúdo da mensagem contida quer nas embalagens, quer no livro, a partir de alguns indicadores contextuais, e a imitar alguns comportamentos de leitor, que veem nos outros que os rodeiam. Apesar de não saberem ler, já se aperceberam

de um conjunto de aspetos importantes para a descoberta e desenvolvimento de competências de leitura” (Mata, 2008, p. 66)

Segundo Marques (2003), crianças acostumadas a ouvir histórias lidas em voz alta apresentam aquisição de habilidades literárias, como a capacidade de contar histórias, e são mais propensas a aprender com as histórias que ouvem na vida real e com o que veem. Para que este tipo de atividade alcance os resultados pretendidos, é fundamental para as crianças que os adultos “sejam eles próprios bons leitores e leitores críticos que gostem de virar as páginas” (Couto, 2003, p. 221). Para que todas as atividades pretendidas sejam realizadas, o educador deve ter em consideração três etapas: a introdução da história, relacionar o texto lido com as experiências das crianças, ler com expressividade a história “de uma forma que a torne ruidosa, expressiva, com humor na voz, concluindo com um diálogo “sobre os pontos principais da história” (Fernandes, 2007, p. 28)

O Educador deve ser a figura que atrai a atenção das crianças pois apresenta o mundo da leitura de forma diferente do comum, deve saber usar a voz e o corpo para dar vida às histórias que conta. É natural que o texto escrito seja usado como suporte, no entanto, a narração dá asas para a imaginação e improviso daquele que está a contar.

A leitura e a exploração de histórias vão permitir à criança a aquisição de valores que serão vantajosos ao longo da sua vida e podendo ainda possibilitar o seu desenvolvimento absoluto. Quando a criança toma atenção ao que o narrador de histórias lhe está a apresentar, está atenta a todos os pormenores contidos no texto e ilustrações, o que posteriormente leva ao “desenvolvimento da memória, a capacidade de atenção e a compreensão da criança” (Almeida, 2002, p. 140).

Em contexto de Creche, para garantir a eficácia do uso da narrativa na potencialização do desenvolvimento das crianças precisamos ter em atenção alguns fatores na hora de escolher a história. Nomeadamente: escolher uma narrativa adequada à idade da criança, uma história simples, contada a um ritmo adequado à idade, escolher temas que vão ao encontro dos interesses do grupo, incluir expressões conhecidas do grupo, mas também aproveitar a oportunidade para introduzir palavras novas.

Devemos conhecer bem a história antes de a contar. Assim, podemos enriquecê-la com comunicação não verbal: gestos, sons, onomatopeias, expressões e até pequenas dramatizações. Desta forma, através das narrações aumentamos o interesse e envolvemos ainda mais a criança.

A comunicação não verbal é a via mais importante para nos relacionarmos com os outros. Por consequência, estamos a ensinar às crianças a forma correta de expressar as emoções através do conteúdo narrado e vivenciado através da história.

É sobejamente conhecido o papel que o uso das histórias desempenha no desenvolvimento e enriquecimento da personalidade do indivíduo, promovendo a autonomia, a aquisição de conhecimentos, desenvolvimento do espírito crítico e a abertura às muitas perspetivas porque se pode representar e analisar o real. (Sequeira, 2000, p.70).

E é nestes parâmetros que a narração tem um papel fundamental no ensino de várias áreas do desenvolvimento. Sendo elas:

- Área do desenvolvimento emocional: as histórias são cruciais para que as crianças consigam entender, consciencializar, reconhecer e expressar de forma assertiva os seus sentimentos e emoções. Sendo estes contextos não concretos, os contos podem através do simbólico, representar de forma nítida as emoções mais complexas. Ao atentar na narração os mais pequenos associam aquilo que ouvem às suas próprias vivências encontrando meios para lidar com situações do seu dia a dia.
- Área do desenvolvimento cognitivo: ao ouvir histórias as crianças compreendem e questionam sobre o que é narrado assim como, de forma inevitável, acontece o alargamento do léxico pois são produzidas palavras novas que não seriam pronunciadas no seu quotidiano normal. Esta atividade desenvolve competências de literacia precoces. Outros dos benefícios que as histórias têm no desenvolvimento da criança são a estimulação da sua criatividade, pois permite-lhes enriquecer o seu

imaginário tornando-as mais criativas, e ainda o enriquecimento do vocabulário, tornando-o mais diversificado. (Almeida, 2002, p. 140) Mais palavras fazem com que os mais pequenos tenham uma melhor perceção do mundo que os rodeia pois levam a representações mentais mais complexas. Compreendendo o mundo que as rodeia a criança sente-se cada vez mais motivada na aprendizagem e começa a perceber as diferenças entre o que é real e o que faz de conta.

Também podemos aproveitar a leitura de histórias para abordar os mais variados temas e relacioná-los entre si: interdisciplinaridade. Tal como se refere nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) (2016), “as competências comunicativas vão-se estruturando em função dos contactos, interações e experiências vivenciadas nos diversos contextos de vida da criança. Estas competências são transversais e essenciais à construção do conhecimento nas diferentes áreas e domínios, já que são ferramentas essenciais para a troca, compreensão e apropriação da informação. Por outro lado, esta transversalidade leva também a que todas as áreas contribuam igualmente para a aquisição e o desenvolvimento da linguagem” (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016, p. 60).

Através da leitura de histórias às crianças, pelos pais, outros membros da família ou quaisquer adultos significativos, cria-se um laço emocional e pessoal muito forte, de forma que as crianças passam a associar a satisfação intrínseca a uma relação humana muito significativa com histórias e leitura (Hohmann & Weikart, 2011, p. 574).

Temos de usufruir da aproximação e da intimidade que se criam nestes momentos pois o grupo está presente para o adulto, numa relação sem distrações o que é benéfico para ambas as partes. Podemos aproveitar a concentração obtida nestes momentos prazerosos para introduzir temas que queremos que fiquem presentes na memória das crianças. Assim, de forma lúdica não transparece que estamos a introduzir um assunto educativo e exigente. Ensinar desta forma interativa e lúdica disfarça o peso do assunto abordado que quando trabalhado num contexto educativo tradicional não seria tão bem recebido pelo grupo.

2 - A importância dos materiais em idades precoces

Como os recursos materiais desempenham um papel fundamental no desenvolvimento das crianças, diversos critérios devem ser tidos em consideração na hora de os escolher, entre eles a segurança e as características do grupo, incluindo as necessidades e interesses. Iglesias & Raposo (1998) afirma que os recursos introduzidos no início do ano letivo e durante o mesmo "devem ser introduzidos à medida das necessidades". (Iglesias & Raposo, 1998, p. 248)

Os materiais presentes no espaço devem ser diversificados para possibilitar diferentes atividades e consequentemente diferentes conhecimentos, habilidades e/ou experiências. É o material que proporciona a oportunidade de adquirir novos conceitos através da manipulação, experimentação e reflexão.

Diversidade significa qualidade, não quantidade ao escolher material. O excesso de material não é aconselhado, assim como a falta de material. No primeiro caso, há uma quantidade enorme de estimulação e as crianças não se conseguem concentrar numa única atividade e acompanhá-la do início ao fim.

No último caso, é o contrário, não há estimulação suficiente. Iglesias & Raposo (1998), além de priorizar a qualidade do material e reduzir a sua quantidade, também leva em consideração outros aspetos tais como a segurança e a composição de cada material.

Formosinho & Formosinho (2013) referem que “os materiais pedagógicos são fundamentais para promover o brincar e o jogar, o aprender com bem-estar. Assim os materiais pedagógicos são um pilar central para a mediação pedagógica do educador junto da criança, permitindo (ou não) o uso dos sentidos inteligentes e das inteligências sensíveis” (p.26).

Posto isto, são diversos os recursos didáticos que podem servir de apoio à aprendizagem da criança, uma vez que estes são um meio atrativo. Para Condessa (2009), as atividades e equipamentos lúdicos também são essenciais no auxílio às crianças.

Quando deixados ao alcance da criança ajudam a reinventar o espaço da sala, tornando-o mais atrativo aos sentidos e mais divertido.

Num contexto educativo é fundamental que o educador tenha em conta a forma como organiza os materiais que coloca ao dispor das crianças, estando sempre atento ao desenvolvimento e aos interesses do seu grupo, pois o “ambiente físico e material [...] deverá refletir a crença na competência participativa da criança e criar múltiplas oportunidades para o seu bem-estar, aprendizagem e desenvolvimento”. (Formosinho & Araújo, Educação em Creche: Participação e Diversidade, 2013, p. 93)

A organização do contexto deve focar-se especialmente na aprendizagem de quem o habita, pelo que todos os espaços devem promover o bem-estar, a alegria e o gosto em frequentar a creche.

O que a criança aprende está intrinsecamente ligado à diversidade de experiências que o ambiente educativo promove, pelo que na sua organização, o educador deve ter em conta a promoção de aprendizagens significativas.

É de extrema importância a exploração que a criança exerce perante os materiais e objetos que integram o espaço promovendo uma multiplicidade de experiências. O educador deve criar “oportunidades para atuar com/sobre os objetos” (Zabalza, 1998, p. 128) devendo estes ser de fácil manipulação, de diferentes tipos de materiais e com uma utilização diversificada, deve também estar implícita uma riqueza experimental tendo as crianças contacto com: água, areia, tecidos, formas e cor, barro, entre outros.

Devem ser selecionados materiais que “atendam a critérios de qualidade e versatilidade baseados na funcionalidade, versatilidade, durabilidade, segurança e valor estético” (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016, p. 26) Um material natural (não estruturado), versátil e de uso livre é um “material que pode ser usado de várias maneiras”. (Taylor & Brickman, 1996, p. 155), tais como: papel, tubos, rolos, cordas, papelão, etc. Estes exemplos são ótimas opções, pois estimulam a criatividade e infinitas oportunidades de aprendizagem.

O tamanho natural dos objetos é essencial para que as crianças se conectem com o ambiente. Este tipo de material é muito envolvente para as crianças e costuma proporcionar brincadeiras baseadas na vivência, por isso é importante que a área integre objetos reais.

Os adultos podem escolher certos materiais com base nas suas intenções e objetivos. O olhar atento do adulto permite, através da observação, conceber a organização/reestruturação e implementação de espaços e materiais tendo em conta as necessidades das crianças.

Relativamente aos recursos não convencionais no auxílio da narração de histórias, estes influenciam e ajudam nas mais diversas formas de contar um mesmo acontecimento. Através deles existe um maior estímulo à fantasia, imaginação e criatividade para além de que ajudam na curiosidade natural da criança. Por isso, usar materiais do quotidiano, objetos e acessórios diversos chamativos e lúdicos são meio caminho andado para captar a atenção da criança com mais facilidade e tornar a leitura uma ação educativa prazerosa.

Ouvir histórias não é somente um ato recetivo, nós reagimos a elas de diversas formas, sendo elas formas individuais de observação do mundo, expressão e reação. Ou seja, cada um de nós ao ouvir determinada narração vai ter uma diferente interpretação.

Alliende & Condemarín (2005) defendem que o fácil acesso a textos e materiais didáticos dentro da sala é um dos fatores que fomenta resultados positivos na aprendizagem das crianças. Estes têm como principais vantagens:

- Permitir que a aprendizagem da leitura possa ter um caráter lúdico e, portanto, divertido para as crianças;
- Favorecer a continuidade entre o mundo do brinquedo, que é natural para as crianças, e o mundo oferecido pela escola em si;
- Contribuir para a participação ativa das crianças nos seus próprios processos de aprendizagem;
- Estimular a interação entre elas e o desenvolvimento de habilidades sociais, tais como respeitar a vez de cada um, compartilhar e saber ganhar e perder;
- Permitir às crianças fazer perguntas, descobertas, criar e antecipar situações, efetuar novas explorações e abstrações;
- Proporcionar uma aproximação divertida e específica com as aprendizagens de caráter abstrato, como é o caso da linguagem escrita.

Temos os comuns fantoches, dedoches, marionetas, entre tantos outros, mas podemos ir mais além e construir os nossos próprios recursos. E foi isso que fizemos, construímos um avental e um tapete contador de histórias.

PARTE II: Componente Empírica

1 – Enquadramento

O presente trabalho surgiu no âmbito da Unidade Curricular de Prática Educativa II, integrante do plano de estudos do Mestrado em Educação Pré-Escolar (EPE) da Escola Superior de Educação de Coimbra (ESEC). A prática pedagógica foi realizada em contexto de Creche e teve como principal objetivo, além da observação e reflexão, a implementação das atividades práticas pretendidas para a elaboração do relatório final.

Não é novidade que, após a licença de maternidade, já não se considera que a criança é problema da família ou de cada família. Segundo Sroufe (1990), Wagner & Tarkiel (1994) é cada vez mais frequente que a criança pequena não possa permanecer com a sua mãe, a discussão acerca das formas de organizar os cuidados e educação deverá centrar-se na organização de modelos que garantam a resposta às necessidades da criança de segurança, não apenas física mas igualmente afetiva e relacional, às suas necessidades de desenvolvimento e de aprendizagem, tomando simultaneamente em linha de conta as necessidades, expectativas e significados que lhes são atribuídos pelas famílias.

De acordo por Caldwell (1989) “as dimensões relativas à educação e aos cuidados deverão estar presentes e ser compreendidas como indissociáveis (educare)”. Isto levou à ideia de que os programas para a infância deverão oferecer essas componentes sob a forma de serviços integrados, que constituem uma tendência

observada internacionalmente e se baseiam numa redefinição das responsabilidades privadas e públicas.”

A forma como cada sociedade trata a infância está diretamente relacionada com as concepções do que é ser criança, que mudam com o tempo, sendo os três anos os mais importantes para o desenvolvimento físico, emocional e espiritual.

Segundo o Conselho Nacional de Educação (CNE) (2008), a Creche deve ter a função de cuidar e educar uma criança. Educar envolve criar oportunidades de aprendizagem, brincadeiras e cuidados com o objetivo de promover o desenvolvimento de competências interpessoais das crianças. Desta forma, a criança estará capaz a relacionar-se com outros a nível de respeito, confiança e aceitação. Além disso, é muito importante proporcionar às crianças um acesso a conhecimento mais amplo da realidade cultural e social. Já o cuidado significa valorizar e auxiliar no desenvolvimento das capacidades das crianças, reconhecendo que a base do cuidado humano reside tanto no compreender como em ajudar o outro a crescer como ser humano. Por fim, brincar tem como objetivo criar um espaço no qual as crianças possam explorar o mundo e assimilar uma compreensão sobre as pessoas, os sentimentos e os mais diversos conhecimentos.

Assim, é competência da Creche “proporcionar o bem-estar e o desenvolvimento integral das crianças num clima de segurança afetiva e física, durante o afastamento parcial do seu meio familiar através de um atendimento individualizado” e “colaborar de modo eficaz no despiste precoce de qualquer inadaptação ou deficiência, assegurando o seu encaminhamento adequado”. (Coelho, 2004, p. 23)

Cuidar e educar são elementos imprescindíveis. A maior parte do dia a dia de uma creche está focado em momentos práticos e de assistência por questões de direitos prioritários à infância, como a higiene, a alimentação, o descanso e os momentos de lazer onde as brincadeiras também ocupam o seu lugar. Seremos educadores se não acreditarmos que durante esses momentos não há nenhum conteúdo ligado à educação? Seremos educadores se acreditarmos que os momentos de lazer, onde as brincadeiras infantis se sobressaem, são situações que acontecem porque as crianças não têm outra coisa para fazer?

Segundo o Currículo Escocês, a equipa educativa tem um papel vital na promoção dos Direitos das Crianças, cuidados, respeito, responsabilidade e relacionamentos.

Para apoiar eficazmente as necessidades das crianças, as equipas têm de se guiar pelos seguintes princípios:

- **Comunicação** (respeito mútuo e confiança necessários para uma comunicação eficaz que envolva uma atuação esclarecedora);
- **Compreensão e promoção do comportamento positivo** (toda a equipa educativa desempenha um papel fundamental para a compreensão e gestão do comportamento das crianças. Posto isto, esta deve utilizar estratégias que ajudem as crianças a alterar certos comportamentos “menos corretos” por mais positivos);
- **Liderança e direção** (liderança repartida, ou seja, existe flexibilidade de todos os elementos de modo a promover e melhorar a prática baseada nas suas evidências);
- **Autoavaliação** (ajuda a refletir a prática individual, a fim de melhorar a qualidade conhecendo as necessidades e interesses específicos de cada criança);
- **Pessoa chave** (deve atender às necessidades de cada criança correspondendo às suas necessidades. Essa estará incumbida de proporcionar segurança, confiança e continuidade na sua observação das crianças, relacionamentos, brincadeiras e atividades do quotidiano);
- **Apoiar a aprendizagem das crianças** (deverá ser uma abordagem criativa que incentiva as crianças a explorar o mundo que as rodeia, valoriza a singularidade de cada uma, orienta a aprendizagem e o desenvolvimento das mesmas, através das observações, identificando as suas capacidades e potenciais).

Para promover o desenvolvimento profissional contínuo e obter resultados positivos para as crianças e respetivas famílias existem alguns objetivos que também devemos ter em consideração:

- Ter um trabalho de parceria eficaz para o benefício de todas as crianças;
- Construir confiança, competências e capacidades em toda a força de trabalho atual;
- Informar os alunos envolvidos em programas de treinamento pré-serviço;
- Fornecer uma fonte de referência comum para promover a reflexão, o debate e discussão;
- Compartilhar e informar maneiras pelas quais a equipa apoia crianças e famílias;
- Melhorar e aprimorar a prática baseada em evidências.

A creche nos dias de hoje, além de ser considerada uma necessidade, é um direito de qualquer criança, independente do seu género, classe social, sexo ou cor. A Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica, segundo a Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei 46/86, de 14 de outubro), tendo como objetivo o desenvolvimento de crianças dos zero aos seis anos de idade, em creches e pré-escolas, compreendendo os aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivos e sociais.

2 - Breve caracterização do local de estágio

A missão do estabelecimento onde estagiamos é “Educar hoje, construir o amanhã”. O projeto educativo centra-se no desenvolvimento pessoal e social da criança, com vista ao seu sucesso educativo. O documento faz ainda referência à importância de estabelecer uma ligação com as famílias, que permita contribuir para a melhoria da qualidade da vida social das mesmas.

Este centro de estágio é uma IPSS e atende nas vertentes de creche, pré-escolar e CATL (tempos livres destinados ao 1º e 2º ciclos).

Na creche existem duas salas de um ano (salas 3 e 6) e duas de dois anos (salas 4 e 5) e um berçário.

No pré-escolar existem quatro salas. As salas são constituídas por crianças com a mesma faixa etária.

A Instituição é constituída por vários pisos. No piso -1 existe uma sala de pré-escolar, uma sala de descanso, uma sala de música, o salão das bolas, o CATL, um refeitório dos funcionários e lavandaria. No piso do rés do chão localiza-se as salas e o refeitório das crianças, assim como os gabinetes e sala de reuniões. No piso 1, existe o berçário, dormitórios de creche e pré-escolar, biblioteca e uma capela. A instituição possui escadas entre os pisos e um elevador.

O centro de estágio disponibiliza atividades extracurriculares sendo estas a psicomotricidade, ballet, capoeira e música.

3 - Caracterização geral do grupo

O grupo era constituído por 16 crianças em que 12 eram do sexo feminino e 4 eram do sexo masculino.

As crianças inseriam-se na faixa etária dos 24 meses aos 36 meses de idade, sendo que nasceram entre o mês de janeiro e o mês de junho, do ano civil de 2017.

6 crianças do grupo viviam com os pais, 7 viviam com os pais e um irmão (ã), 2 viviam com a mãe e 1 criança vivia com a mãe e irmã.

Existia um número igual de crianças filhos únicos e crianças com 1 irmão (ã).

As idades dos pais estavam compreendidas entre os 25 e os 40 anos.

3.1. Projeto Curricular de Grupo

O Projeto Curricular de grupo surgiu no seguimento do Projeto Curricular da Instituição “Brincar e Descobrir com a Natureza” e pretendia operacionalizar os ideais da

Instituição, definidos nas linhas orientadoras da sua **MISSÃO, VISÃO e VALORES**, bem como no Projeto Educativo **“SER PARA CRESCER”**, definido para o triénio 2017/2021. Neste sentido, o Projeto Curricular do grupo pretendia:

1. Despertar para comportamentos responsáveis pelo ambiente, qualidade de vida;
2. Consciencializar para a importância de adotar hábitos de vida saudáveis;
3. Brincar ao ar livre em interação com os outros, contactando com a natureza/exterior;
4. Desenvolver criatividade e imaginação através de exploração dos elementos da natureza;
5. Promover o desenvolvimento de competências psicomotoras;
6. Proporcionar experiências de estimulação sensorial;

3.2. Metodologia utilizada pela educadora

Podemos constatar que a educadora tinha em conta as características e interesses do grupo e que as metodologias utilizadas eram baseadas em vários modelos curriculares. Segundo Formosinho (1998, p.15) estes modelos derivam de “teorias que explicam como as crianças se desenvolvem e aprendem, de noções sobre a melhor forma de organizar os recursos e oportunidades de aprendizagem para as crianças e de juízos de valor acerca do que é importante que as crianças saibam.”.

As metodologias e respetivos princípios pedagógicos ajudam em determinados pontos, a auxiliar e a fundamentar a prática pedagógica.

Os documentos de planificação para o grupo, faziam referência a três modelos pedagógicos: **High-Scope**, **Reggio Emilia** e **MEM**, sendo que são referidos os interesses das crianças (High-Scope), reconhecendo que o conhecimento emerge de uma construção social (Reggio Emilia) e organizando o espaço em cantinhos (MEM).

4 – Justificação da escolha do tema

Sentimos a necessidade de trabalhar a questão das histórias e suas diferentes maneiras de as contar em contexto de creche, uma vez que a literatura é escassa, porque achamos que as histórias têm um enorme potencial no futuro desenvolvimento linguístico, cognitivo e social das crianças; e também porque consideramos que o contato deste grupo com os livros em formato impresso não era sistemático.

Nos dias que correm, e com os avanços na tecnologia, cada vez menos as crianças são colocadas em contacto com livros. É muito recorrente ouvirem histórias em tablets e telemóveis acabando por deixar os livros de lado por não serem tão apelativos. O que também apresenta um grave problema caso não sejam assistidas com supervisão pois uma grande percentagem das histórias online são em Português do Brasil. Este fator não ajuda em nada crianças de tenra idade onde a fala está em estado de aquisição. Ao estarem sujeitas a expressões e vocabulário de outra língua é inevitável que as crianças não usem expressões da mesma e mais tarde podem vir a ter problemas na aquisição da literacia por não saber falar a língua portuguesa corretamente.

É notório que a educação literária é uma componente imprescindível e é através da mesma que podemos desenvolver a leitura e o gosto pela mesma e, mais tarde, até mesmo a própria escrita.

Outro motivo que contribuiu para a escolha deste tema foi o facto de as crianças apresentarem comportamentos menos corretos no manuseamento dos livros e ainda o desinteresse pelos livros presentes na sala assim como a não existência de um cantinho da biblioteca.

De realçar que a aprendizagem da leitura é um processo contínuo e progressivo que se inicia logo no nascimento. O seu sucesso depende, em grande parte da ação intencional dos educadores e dos pais. Deste modo, é necessário ter um papel ativo na

aquisição desta competência motivando as crianças e proporcionando-lhe momentos de aprendizagem.

Se um dos inibidores na formação do leitor se traduz na dificuldade que os indivíduos sentem ao ler, entende-se que, muito provavelmente enquanto criança não contactou com livros o suficiente para os explorar e para os considerar mais do que um dos seus brinquedos. O livro alarga a perceção do mundo na criança “educa a sua sensibilidade, abre portas para o imaginário, enriquece-nos e enriquece o nosso diálogo com os outros” (Traça, 1992, p.75).

Por tudo o que já referi anteriormente, decidi abordar o tema da narração de histórias de uma forma não convencional, criando um momento lúdico com o objetivo de captar a atenção da criança e despertar-lhe o interesse para a leitura. Assim sendo, quis aliar os materiais não convencionais à narração uma vez que são excelentes recursos para motivar o grupo a estar mais interessado no que está a ouvir, facilitando deste modo a promoção desta competência.

5 - Descrição da componente prática: objetivo e procedimentos

Com o objetivo de reforçar a ideia de que os materiais lúdicos também têm muito potencial, desde que sejam bem explorados, esta componente prática aborda a narração de duas histórias distintas através de materiais lúdicos completamente distintos.

Cada história corresponde a um procedimento. O procedimento I corresponde à história da Galinha Guidinha que é contada através de um avental contador de histórias e o procedimento II que equivale à história do Pinheirinho de Natal que é contada através de um tapete contador de histórias. Ambas os procedimentos são trabalhados através de três fases: a fase I onde é narrada a história sem ilustrações, a fase II onde é narrada a história com o auxílio de ilustrações e a fase III onde é contada a história através do recurso aos materiais lúdicos (o avental para a Galinha Guidinha e o tapete para o Pinheirinho de Natal).

Procedimento I- A Galinha Guidinha

Com o intuito de cultivar o conceito de igualdade: apesar de sermos todos diferentes somos todos iguais e podemos ser todos amigos, foi contada, com recurso a 3 fases diferentes, a história da Galinha Guidinha da autoria de Maria Madalena Baptista (2019).

A Galinha Guidinha

Era uma vez uma galinha chamada Guidinha que vivia numa casa em forma de ovo. Sentada, junto ao seu ninho cheio de ovos com tamanhos e cores diferentes, a galinha Guidinha espera ansiosamente que estes comecem a eclodir, a abrir, e que nasçam os seus queridos filhos pintainhos.

O primeiro ovo rachou e ela toda contente, mal o viu disse: - Olá querido filho amarelinho, tens umas penas amarelas tão macias! ; o segundo ovo rachou e ela disse surpreendida: - olá querido filho, tens um bico muito comprido e duro, deves ser um pica-pau!; o terceiro ovo rachou e ela disse igualmente surpreendida: - Olá minha filha, tens uns olhos tão grandes, deves ser uma coruja; o quarto ovo rachou e ela disse ainda mais surpreendida: - Olá meu filho, tens as penas muito coloridas, deves ser um papagaio; por fim, o último ovo, o ovo grande, rachou e ela abriu muito o bico e, espantadíssima disse: - Olá querida filha, tu és muito grande e tens as pernas e o pescoço muito compridos, só podes ser uma avestruz. Quando todos os ovos já tinham eclodido, a galinha Guidinha, cobriu com as suas asas os cinco filhos e disse com uma voz muito meiguinha, vocês são todos diferentes, mas quero que sejam sempre muito amigos!

Os filhos da galinha Guidinha cresceram e ficaram todos com tamanhos, cores, asas, bicos e patas diferentes, mas nenhum era tão grande e alto como a mana avestruz.

Todas as manhãs, quando acordam com o pai galo a cantar “Cocoróco”, veem para a porta de casa, a mana avestruz baixa-se, deixa que a galinha Guidinha, o pai galo e os seus irmãos: o amarelinho, o Pica-pau, a coruja e o papagaio, subam para as suas costas e começa a correr com muita velocidade, provocando o riso dos irmãos e dos pais, que

muito alegres, abrem e fecham rapidamente, as suas asas, acenando em direção a um pelicano, que está sempre pousado num barco, no meio do rio, e que lhes diz: - até amanhã família alegre, eu vou ver se apanho alguns peixes para o meu almoço.

A realização desta atividade de conto da história foi composta por três fases:

FASE I

Numa primeira etapa, reuni as crianças na maninha de forma confortável e tranquila e apresentei a história “A Galinha Guidinha” de Maria Madalena Batista, como forma de promover o conceito de igualdade e amizade.

Feito isto, li a história em voz alta (somente o texto), utilizando entoação e expressão para cativar a atenção das crianças. Enquanto lia encorajava o grupo a prestar atenção e a imaginar a história na sua mente.

Durante a leitura da história, incentivava as crianças a participar com pequenos gestos relacionados à história tais como, bater os pés, bater as asas e dizer adeus quando solicitado. Estes gestos ajudam a envolver o grupo e a tornar a experiência mais interativa.

Esta fase teve a duração de 3 minutos e 38 segundos.

optamos por ler somente a história, pedindo às crianças que fizessem pequenos gestos tais como bater os pés, bater as asas e dizer adeus, esta fase teve a duração de 3 minutos e 38 segundos.

Figura 1- Reconto da história com recurso a ilustrações



FASE II

Posteriormente, num dia diferente, na segunda etapa, elaborei ilustrações da história e recontei a história com o auxílio das mesmas, repetindo que fizessem pequenos gestos tais como bater os pés, bater as asas e dizer adeus, esta fase teve a duração de 2 minutos e 38 segundos. (Não tendo em suporte de texto a história houve partes que foram ditas de cor, encurtando o tempo de realização).

Figura 2- Parte I da ilustração da história da Galinha Guidinha



Figura 3- Parte II da ilustração da história da Galinha Guidinha



Figura 4- Parte III da ilustração da história da Galinha Guidinha

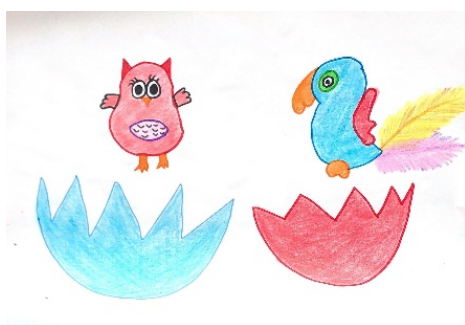


Figura 5- Parte IV da ilustração da história da Galinha Guidinha



Figura 6- Parte V da ilustração da história da Galinha Guidinha



Figura 7- Parte VI da ilustração da história Galinha Guidinha



Com o intuito de perceber se a história ficou realmente na memória das crianças, através das imagens que contavam a história fiz a ordenação da mesma em grande grupo para que as crianças pudessem compreender o que era pretendido e posteriormente, individualmente.

Era uma atividade à qual estava um pouco reticente pois não sabia se iria resultar bem com todos os elementos do grupo.

Contudo, acabou por se revelar uma atividade muito gratificante porque além de ter ajudado a desenvolver o raciocínio a este nível, todas as crianças conseguiram realizar a atividade com facilidade e, em alguns casos, as crianças recontaram a história por palavras suas. Esta é a prova de que não devemos julgar as crianças pois, em grande parte das vezes elas são capazes, só precisam de uma oportunidade para o provar.

Figura 8- Ordenação dos diferentes momentos da história



Com esta atividade as crianças começaram a escolher os animais que mais gostavam que tinham aparecido na história, assim surgiu outra atividade: pintar o seu animal preferido e construir o seu respetivo ovinho.

Figura 9- Escolha do animal favorito presente na história



Figura 10- Imagem ilustrativa da construção do ovinho



Figura 11- Exemplo de um ovinho finalizado



FASE III

Por fim, na terceira etapa, preparei um avental contador de histórias bem colorido e lúdico com um bolso grande o suficiente para sustentar os diferentes ovos e personagens da história. Coloquei as crianças em círculo e mostrei o avental colorido. Expliquei que o avental ia ser usado para contar a história da Galinha Guidinha de uma forma mais interativa e divertida

Vesti o avental e comecei a contar a história, à medida que ia avançando na mesma ia retirando os diferentes ovos do bolso: o Pintainho Amarelinho, o Pica-Pau, a Coruja, o Papagaio, a Avestruz o Pai Galo e o Pelicano. Usei diferentes vozes e expressões faciais para dar vida aos personagens enquanto os apresentava ao grupo. O conto da história teve a duração de 3 minutos e 25 segundos.

Após o conto da Galinha Guidinha algumas crianças recontaram a história por palavras suas e houve uma pequena discussão em grande grupo sobre a importância da amizade e do respeito pelas diferenças. O grupo frisou que também eles não eram iguais

mas eram todos amigos, comparando a cor do cabelo, olhos, pele assim como as diferentes alturas e tipos de cabelo entre si.

contamos o conto com o auxílio do avental que construímos, tendo esta fase uma duração de 3 minutos e 25 segundos.

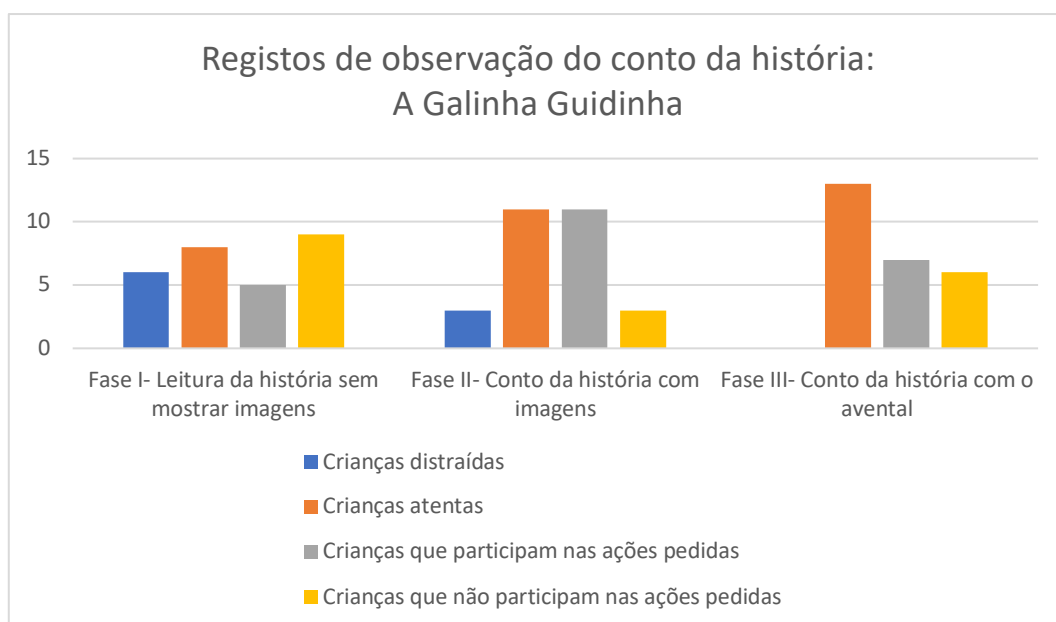
Figura 12- Avental contador de histórias



Através de um avental colorido e lúdico contamos a história da Galinha Guidinha, uma mãe com vários filhotes todos eles diferentes entre si, do bolso do avental iam saindo os seus filhotes dentro de ovinhos, o Pintainho Amarelinho, o Pica-Pau, a Coruja, o Papagaio e a Avestruz (que são a maioria das personagens da história). Posteriormente, surgiram outras figuras, nomeadamente o pai Galo e um Pelicano.

6 – Análise comparativa das reações e atitudes das crianças nas três fases

Para efeitos de comparação e melhor visualização, elaboramos um gráfico com os registos que fizemos desta atividade prática. As barras azuis do gráfico reportam-se às crianças distraídas durante o conto, as barras cor de laranja às crianças atentas durante o conto, as barras cinzentas remetem-nos para as crianças que participaram nas ações pedidas e as barras amarelas guiam-nos para o número de crianças que não participou nas ações pedidas, tudo dividido pelas diferentes três partes.



Assim, comparando as barras no gráfico elaborado constatou-se que:

- 1) a percentagem de crianças distraídas diminuiu quando a história foi contada com as imagens; logo a percentagem de crianças atentas aumentou. As ilustrações foram, por isso, eficazes em manter a atenção das crianças e a visualização das imagens provavelmente estimulou o interesse e a conexão com a história, tornando-a mais cativante e envolvente para o grupo;
- 2) a participação nas ações pedidas também melhorou quando foi introduzida a ilustração da história. A melhoria apresentada na participação das ações pedidas

quando as ilustrações foram introduzidas revela que as imagens serviram como um estímulo visual adicional para as crianças se envolverem ativamente. As ilustrações fornecem referências visuais claras para as ações solicitadas, facilitando a compreensão das crianças e incentivando-as a participar de forma mais eficaz e, por duas vezes, mais ativa;

- 3) Usando o avental contador de histórias não houve nenhuma criança distraída. Por isso, posso afirmar que o fato de não ter havido nenhuma criança distraída durante o uso do avental contador de histórias indica que esta abordagem lúdica e interativa foi altamente envolvente para todo o grupo. O avental provavelmente criou um ambiente de surpresa e fantasia, mantendo a atenção das crianças de forma constante e focada nas atividades e no desenrolar da história;

Porém, o facto de o avental ser muito apelativo fez com que as crianças ficassem deslumbradas e quisessem mexer nos seus componentes e não participassem nas ações que lhes eram pedidas por estarem demasiado empolgadas com os adereços. Isto pode indicar a necessidade de direcionar e equilibrar a interação com o avental de forma a garantir que as crianças se envolvam tanto com os adereços quanto como as atividades propostas.

Notou-se que o interesse das crianças foi geral, tratou-se de um recurso completamente diferente dos recursos a que estão acostumados e foi novidade para o grupo, pois em conversa com a Educadora da sala soube que não era um material já usado anteriormente. O avental criou um ambiente de suspense e surpresa pois o grupo ficou sempre curioso em saber qual seria o próximo animal a sair do bolso e quando teria fim esta sequência.

Estas observações reforçam a importância de utilizar recursos visuais e materiais lúdicos para envolver a criança nas atividades, tornando a experiência mais interessante e estimulante para elas. Ao adaptar a atividade no futuro, vou considerar orientar a interação com o avental para equilibrar a empolgação com a participação ativa nas ações solicitadas, garantindo assim uma experiência completa e enriquecedora para as crianças.

Procedimento II- O Pinheirinho de Natal

Tapete contador de histórias

Figura 13- Conto da história o Pinheirinho de Natal através do tapete contador de histórias



As histórias possuem uma carga cultural imensa e é a forma mais antiga na transmissão de conhecimentos no Mundo. É importante relembrar como cada país, cada cultura, na sua época específica, possui lendas e contos próprios.

Como o estabelecimento onde estagiei era católico e quando elaborei o tapete contador de histórias estávamos a atravessar a altura do Natal, achei pertinente que o tapete contasse uma história remetente à época. Como tal escolhi a história do Pinheirinho de Natal para que de uma forma leve o grupo compreendesse o porquê de ser tradição a elaboração de um Pinheiro todos os Natais.

História do Pinheirinho de Natal

Quando o Menino Jesus nasceu, todas as pessoas ficaram muito felizes. Crianças e adultos vinham vê-lo e traziam muitos presentes. Perto do estábulo, onde dormia o Menino Jesus, num berço de palha, havia três árvores: uma palmeira, uma oliveira e um pinheiro.

Ao ver aquela gente que ia e voltava a passar por baixo dos seus galhos, as três árvores quiseram também dar alguma coisa ao Menino Jesus.

- Eu vou dar a minha palma maior e mais bela para que abanem o Menino Jesus- disse a palmeira.

- Eu vou apertar as minhas azeitonas e o óleo servirá para amaciar os seus pezinhos- disse a oliveira.

- E eu? Que posso dar? - perguntou o pinheirinho.

- Tu? - responderam as outras.

- Tu não tens nada para dar!

As tuas agulhas afiadas podem picar o Menino Jesus.

O pobre pinheirinho sentiu-se muito triste e respondeu:

- É verdade, têm razão, não tenho nada para oferecer.

Um anjinho que ali passava, ouviu a conversa e teve pena do pinheirinho, tão humilde, tão triste, que nada tinha para dar ao Menino Jesus. Lá no céu as estrelinhas começavam a brilhar e o anjinho olhou para cima e chamou-as.

De repente elas descera e foram colocar-se sobre os ramos do pinheirinho que ficou todo brilhante!

Lá no berço de palha, dentro do estábulo, os olhos do Menino Jesus brilharam ao ver aquela árvore tão linda!

É por isso que as pessoas, até hoje, enfeitam com luzes o pinheiro, na véspera de Natal.

Para o conto da história elaboramos um tapete com todos os elementos abordados.

Os elementos tinham velcro e podiam ser retirados e colocados novamente no sítio consoante a narração da história.

Á semelhança da história anterior esta atividade foi composta por três fases.

FASE I

Numa primeira fase solicitei ao grupo que se posicionasse em círculo e que se colocasse numa posição confortável. Introduzi a história “O Pinheirinho de Natal” explicando que iria ler uma história acerca da origem da árvore de Natal, que tanto gostam. Comecei por ler a história sem nenhum suporte ilustrativo em voz alta transmitindo a entoação adequada para envolver as crianças. Durante a leitura parei em momentos estratégicos e fiz algumas perguntas/pedidos interativos por exemplo, “qual é o fruto da oliveira?”, pedi às crianças que fizessem o gesto de abanar a folha da palmeira; as folhas do Pinheirinho picam? e como ficou o Pinheirinho no final?.

Esta fase teve a duração de 2 minutos e 7 segundos.

Ao terminar a leitura da história incentivei uma breve discussão sobre a mesma, questionando sobre a história, o que mais gostaram e o que aprenderam.

FASE II

Posteriormente, num dia diferente, na segunda etapa, relembrei a história contada anteriormente falando acerca dos acontecimentos nela relatados. Elaborei as ilustrações da história e apresentei-as ao grupo à medida que ia recontando o conto com o auxílio das mesmas, repetindo os pedidos de interações durante a narração. Durante a narração pedi às crianças que prestassem atenção às imagens e que as associassem ao que estavam a ouvir. No fim, houve uma pequena discussão acerca do que mais gostaram e dos aspetos que acharam mais interessantes.

Esta fase teve a duração de 2 minutos e 6 segundos.

Figura 14- Parte I da ilustração da história O Pinheirinho de Natal



Figura 15- Parte II da ilustração da história O Pinheirinho de Natal



FASE III

Por fim, na terceira etapa, contei o conto com o auxílio de um tapete contador de histórias que construí. O tapete representava a história de forma visual, incluindo os personagens e cenários. Apresentei o tapete ao grupo explicando que o iria usar para recontar a história. Iniciei a narração do conto utilizando o tapete com ferramenta interativa, movendo os adereços (que eram colados com velcro) pelo tapete para representar as diferentes cenas que iam ocorrendo na história. Nunca esquecendo de repetir os pedidos de interações durante a narração.

Esta fase teve a duração de 2 minutos e 21 segundos.

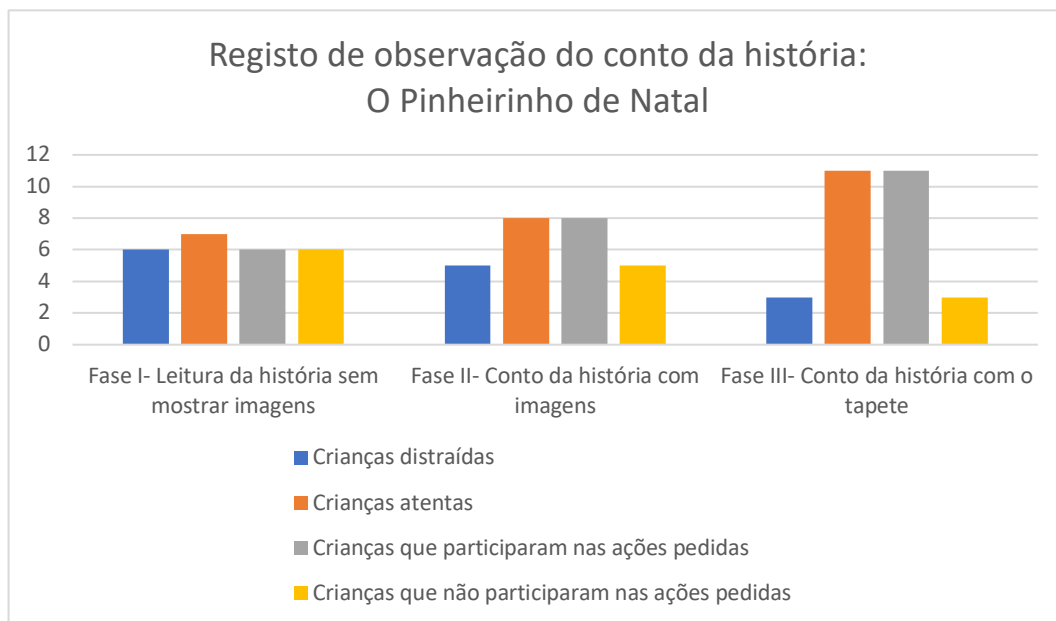
Após o conto permiti que as crianças explorassem o tapete por conta própria, deixando-as tocar e movimentar os adereços relacionados com a história e criando as suas próprias histórias através do mesmo. No final, a grande maioria conseguia referir a origem da tão conhecida árvore de Natal.

Figura 16- Tapete contador da história o Pinheirinho de Natal



7 – Análise comparativa das reações e atitudes das crianças nas três fases

À semelhança do que foi feito anteriormente, elaborei um gráfico com os registos que fiz da atividade prática para melhor comparação e visualização. As barras azuis do gráfico reportam-se às crianças distraídas nas diferentes, as barras cor de laranja às crianças atentas durante o conto, as barras cinzentas remetem-nos para as crianças que participaram nas ações pedidas e as barras amarelas guiam-nos para o número de crianças que não participou nas ações pedidas, tudo dividido pelas diferentes três partes.



Assim, comparando as barras no gráfico elaborado constatou-se que:

- 1) O número de crianças distraídas diminuiu na segunda fase através do conto da história com imagens e consequentemente o número de crianças atentas aumentou. Ainda é possível verificar que o número de crianças a participar nas interações pedidas também foi maior. Isto indica que à medida que a atividade progredia e os novos elementos eram introduzidos as crianças ficavam mais interessadas e concentradas na história.
- 2) Comparando as três fases é notório que, ao contar a história através do tapete contador de histórias, o número de crianças distraídas desceu e o número de crianças atentas aumentou. Tal sugere que os elementos visuais e a interatividade proporcionados pelo suporte foram eficazes para capturar e manter a atenção das crianças.
- 3) Relativamente à interação das crianças nas ações pedidas verificou-se que conforme se foi inserindo ilustrações e o tapete que o número de crianças distraídas diminuiu e que o número de crianças que não participaram nas ações pedidas também foi diminuindo. Portanto, o tapete incentivou e motivou as crianças no envolvimento das interações propostas.

Em suma, o interesse das crianças foi notório pois, mais uma vez, era um recurso completamente novo para o grupo.

A análise do gráfico da atividade prática revela uma progressão positiva nas reações das crianças ao longo das três partes da intervenção. A introdução de suportes visuais e interativos, como as ilustrações e o tapete, contribuiu para uma maior atenção e envolvimento das crianças na história.

Após a minha experiência com a narração de histórias através destes dois recursos distintos consegui detetar algumas vantagens e desvantagens.

Vantagens

- **Flexibilidade:** podem construir-se aventais e tapetes de qualquer história
- **Praticidade:** práticos de utilizar e transportar
- **Reutilização:** podem ser reutilizados em outros anos letivos com grupos de crianças diferentes
- **Recursos lúdicos:** tanto o avental quanto o tapete proporcionam uma abordagem lúdica e interativa para a narração de histórias adicionando um elemento visual e tátil, tornando a experiência mais envolvente e divertida para as crianças
- **Novidade e atenção:** o uso destes recursos para a maioria das crianças são novidade e tendem a chamar a atenção e a despertar o interesse dos pequenos ouvintes, ajudando na participação e envolvimento ativo na narração da história
- No caso do tapete, é mais fácil para ser manuseado pelas crianças

Desvantagens

- **Morosidade na construção:** a construção dos aventais e tapetes pode ser um processo demorado, especialmente quando há muitos detalhes e elementos minuciosos envolvidos.
- **Custo inicial:** A aquisição de materiais necessários para criar aventais e tapetes personalizados pode ser dispendiosa, especialmente quando se parte do zero, isto pode representar um desafio, principalmente para educadores com recursos limitados.
- **Fragilidade:** É um material frágil, pode ser facilmente estragado pelas crianças
- No caso do avental, é mais difícil ser manuseado pelas crianças

8- Conclusões da componente prática

Ao longo da minha prática fui percebendo o encanto que as crianças começaram a ganhar pelas histórias. A alegria e o entusiasmo que me eram transmitidos à medida que ia acrescentando elementos à minha leitura do conto levou-me a querer descobrir as várias potencialidades na leitura de histórias com adereços. Como afirma Traça (1998), “o principal objetivo e finalidade da leitura de histórias para as crianças é desenvolver o seu interesse pela leitura e escrita. Por envolver prazer, apresenta um caminho seguro para a apreciação literária”.

Quando a criança toma atenção ao que o narrador de histórias lhe está a apresentar, está atenta a todos os pormenores contidos no texto e ilustrações, o que posteriormente leva ao “desenvolvimento da memória, a capacidade de atenção e a compreensão da criança”. (Almeida, 2002, p. 14)

A leitura de histórias através de materiais oferece uma série de potencialidades enriquecedoras para as experiências das crianças. Ao adicionar elementos físicos e palpáveis à narração, criamos um ambiente lúdico e interativo que estimula a imaginação, a curiosidade e o envolvimento ativo dos pequenos leitores.

Uma das principais potencialidades da leitura de histórias com materiais é despertar a curiosidade e o interesse das crianças. Os materiais tais como: objetos e cenários transformam a história em algo claro, compreensível e cativante em simultâneo. As crianças podem ver, tocar e explorar esses elementos, o que as envolve de forma mais completa na história.

Além disso, a presença de materiais na leitura de histórias estimula a interação e a participação ativa das crianças. Os materiais lúdicos convidam os pequenos leitores a envolver-se na história de maneira física e criativa. Elas podem manipular os objetos, construir cenários e recriar tanto os acontecimentos da narrativa como criar narrativas completamente novas, fruto da sua imaginação. Esta participação ativa promove a imaginação e as habilidades cognitivas da criança.

A leitura de histórias com materiais também possibilita o estímulo da linguagem oral das crianças. Ao interagir com os materiais, eles são incentivados a descrever, narrar e dialogar sobre a história. Podem fazer perguntas, contar as suas próprias versões e criar diálogos entre as personagens. Este tipo de interação verbal fortalece o desenvolvimento da linguagem, a comunicação e a capacidade narrativa das crianças.

Outra potencialidade da leitura de histórias com materiais é a criação de um ambiente de aprendizagem multidimensional. Os materiais permitem explorar conceitos espaciais, temporais e sociais presentes na narrativa. As crianças podem visualizar a história, ou seja, compreender a sequência dos acontecimentos e relacionar-se com as personagens. Os materiais também facilitam a compreensão dos conceitos abstratos, como é o caso das emoções, valores e relações interpessoais. Tornando-os mais tangíveis e acessíveis às crianças.

Além disso, a leitura de histórias com materiais estimula a socialização e o trabalho de grupo. As crianças podem partilhar os materiais, cooperar na construção dos mesmos, assumir diferentes papéis e interagir com os colegas durante a narração da história. Esta interação promove o desenvolvimento das habilidades sociais tais como a escuta ativa, a cooperação, a empatia e a negociação, além de estimular a construção coletiva de conhecimento.

Através dos materiais que construí consegui perceber que o envolvimento que a criança tem através da audição de uma simples leitura é completamente diferente quando comparado com o envolvimento que há na presença de materiais lúdicos. A atenção da criança dispara e ela é abraçada pela história querendo explorar os materiais e inserir-se a si mesma naquele universo imaginário que a envolve, o “ambiente físico e material [...] deverá refletir a crença na competência participativa da criança e criar múltiplas oportunidades para o seu bem-estar, aprendizagem e desenvolvimento”. (Formosinho & Araújo, 2013, p. 93)

É completamente diferente imaginar toda a complexidade de uma história somente ouvindo do que imaginar a história tendo materiais palpáveis e disponíveis para serem explorados.

Por tudo isto, considero que os materiais se sobrepõem a uma forma expressiva de contar histórias.

Bibliografia

- Alliende, F., & Condemarín, M. (2005). *A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento*. São Paulo: Artmed.
- Almeida, A. (2002). *Abordar o ambiente na infância*. Universidade Aberta.
- Baptista, M. M. (s.d.). *A Galinha Guidinha*.
- Coelho, M. A. (2004). *Educação e cuidados em creche: conceptualizações de um grupo de educadores*. Universidade de Aveiro.
- Condessa, I. (2009). *(Re)Aprender a Brincar: da especificidade à diversidade*. Universidade dos Açores.
- Couto, J. M. (2003). Potencialidades Pedagógicas e Dramáticas da Literatura Infantil e Tradicional Oral. *A criança, a língua e o texto literário* (pp. 209-223). Braga: 2003.
- Fernandes, P. F. (2007). Livros, leitura e literacia emergente: algumas pistas acerca do espaço e do tempo dos livros na promoção da linguagem e literacia emergente em contexto de jardim-de-infância. (Lidel, Ed.) *Formar leitores - das teorias às práticas*, pp. 19-23. Obtido de *Formar leitores - das teorias às práticas*.
- Formosinho, J. O., & Araújo, S. (2013). *Educação em Creche: Participação e Diversidade*. Porto Editora.
- Formosinho, J. O., & Formosinho, J. (2013). *Pedagogia-em-Participação: A Perspetiva Educativa da Associação Criança*. Porto Editora.
- História do Pinheirinho de Natal*. (22 de 12 de 2004). Obtido de Ninho: <http://omeuninho.blogspot.com/2004/12/histria-do-pinheirinho-de-natal.html>
- Hohmann, M., & Weikart, D. P. (2011). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Iglesias, M. L., & Raposo, M. (1998). El cine en las aulas- comunicar nº11. *El papel del profesorado ante la influencia de la television*, pp. 142-148.
- Lei de Bases do Sistema Educativo - Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro*. (s.d.). Obtido de Procuradoria-Geral Distrital de Lisboa: https://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=1744&tabela=lei_velhas&nversao=1&so_miolo=
- Marques, R. (2003). *Ensinar a Ler, Aprender a Ler: Um guia para pais e educadores*. Lisboa: Texto Editores.
- Mata, L. (2008). *A Descoberta da Escrita: Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Obtido de Ministério da Educação:

http://cefopna.edu.pt/portal/images/documentos/OCEPE/A_Descoberta_da_Escrita.pdf

Pre-Birth to Three: Positive Outcomes for Scotland's Children and Families. (2010). Obtido de Naional Guidance: https://stramash.org.uk/wp-content/uploads/2018/08/elc2_prebirthtothreebooklet.pdf

Sequeira, M. F. (2000). *Formar Leitores: O contributo da biblioteca escolar*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Silva, I. L., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE).

Taylor, L. S., & Brickman, N. A. (1996). *Aprendizagem Activa: Ideias para o apoio às primeiras aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Traça, M. E. (1998). *O Fio da Memória: Do Conto Popular ao Conto para Crianças*. Porto: Porto Editora.

Zabalza, M. A. (1998). *Qualidade em Educação Infantil*. Artmed.

